OBSERVATÓRIO MILITAR da Praia Vermelha
http://ompv.eceme.eb.mil.br/

A guerra da Ucrânia e seus impactos na defesa do Báltico

Annija Kārkliniece
Discente da Universidade de Estocolmo, Suécia.
Pesquisadora de Iniciação Científica no PPGCM/ECEME.

No dia 24 de fevereiro de 2022, o mundo foi surpreendido pela ofensiva da Federação Russa contra o território soberano da Ucrânia. O choque causado por essa agressão expôs a vulnerabilidade europeia e teve repercussões imediatas em toda a região, especialmente entre os países vizinhos, que passaram a enfrentar sérias preocupações quanto à segurança e à defesa.

Atualmente, diante da ocorrência de um conflito em grande escala na Europa, torna-se evidente a necessidade de fortalecer a produção industrial, implementar programas de aquisição estatal e restaurar as capacidades de defesa dos vinte e nove Estados-membros da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), situados no teatro europeu. A contínua ameaça regional demanda a adoção de ações coletivas e institucionalizadas, assim como medidas individuais de cada país para reforçar a prontidão militar, “sem fim à vista para a guerra na Ucrânia” (Ilzetzki, 2025, p. 3). Para os países bálticos, localizados na linha de fronteira entre a OTAN e a Federação Russa, a guerra reacende antigos temores e exige a revisão de suas doutrinas de defesa, de seus orçamentos e da relação entre a segurança nacional e as alianças internacionais.

Figura 1 – Representação geográfica dos países Bálticos e de suas fronteiras



Fonte: https://economia3.com/paises-balticos-cuales-son/.

A dissolução da União Soviética, em 1991, representou uma das maiores transformações geopolíticas do século XX, alterando a ordem vigente e abrindo caminho para uma nova configuração internacional. As quinze repúblicas ex-soviéticas, movidas pela busca de um novo “ninho”, ou seja, sua própria unidade territorial, souberam aproveitar a conjuntura favorável ao colapso, num contexto em que Moscou se via incapaz de apresentar ou manter reivindicações relevantes. Fragilizada em suas estruturas políticas e econômicas, a Rússia, sob a liderança de Yeltsin (1991-1999), viu-se diante de uma crise de identidade e prestígio, interpretada por Carmona (2022, s/p) como uma “humilhação histórica para o antigo império”.

Nas décadas subsequentes, a Europa testemunhou diversas ondas de fortalecimento e aprofundamento da cooperação em defesa, na dimensão transatlântica. Em outras palavras, a OTAN, com a liderança de Washington, passou por um

processo contínuo de expansão em direção à sua fronteira ao leste, ancorado na crescente influência ocidental sobre o antigo território soviético, que estava sob a influência do Pacto de Varsóvia[1].

Por outro lado, o caminho russo para a reconstrução de sua condição de potência passou a adotar, a partir do final da década de 1990, uma estratégia de restauração de seu poder regional e global, fundamentada na Doutrina Primakov e na ascensão política de Vladimir Putin (1999-atual) à presidência[2], inaugurando um período marcado por "duas décadas de reconstrução lenta, mas persistente" (Carmona, 2022, s/p). O reposicionamento militar russo foi acompanhado de uma visão de segurança centrada na necessidade de "profundidade estratégica", o que levou o país a reagir à aproximação da OTAN com os países do espaço pós-soviético. Tal dicotomia entre a percepção de segurança coletiva por parte de Washington e a visão russa de ameaça, diante da aproximação da Ordem Liberal Internacional para o Leste, evidencia as tensões geopolíticas do período pós-Guerra Fria.

Com a reorientação para o espaço euro-atlântico e a guinada nas políticas internas e externas ucranianas, o país, situado no coração da Europa, tornou-se um ator central na reescalada das tensões, estreitamente ligado ao movimento *Euromaidan*[3]. Frente a isso, a resposta russa foi imediata e brutal, com a anexação da Crimeia e de parte do Donbass em 2014. Dessa forma, tornou-se possível perceber a cosmovisão russa, que interpreta a expansão da OTAN e da União Europeia (UE) em sua vizinhança como uma ameaça direta à sua esfera de influência (Moura, 2025).

A guerra na Ucrânia reacendeu os debates na Europa sobre a dimensão e a potência futura de suas Forças Armadas, temas anteriormente tratados de maneira secundária. O ano de 2022 marcou um ponto de inflexão, momento em que os gastos com defesa começaram a aumentar gradualmente e, em apenas dois anos, a Europa chegou a um patamar de investimento em defesa de cerca de 50% superior ao de 2014. À medida que os Estados aumentam seus orçamentos de defesa, surgem preocupações quanto à capacidade dos orçamentos nacionais de sustentar o aumento da produção industrial de defesa, discussão que se intensifica com a recente proposta de ampliação dos gastos em defesa em 5% do PIB até 2035, destinada aos países pertencentes à OTAN (IISS, 2025).

A guerra da Ucrânia interrompeu o chamado "dividendo da paz" europeu, reintroduzindo a defesa como um vetor econômico e industrial. Com a diminuição das Forças Armadas com o fim da Guerra Fria, havia a expectativa de que o fim da ameaça soviética e o estabelecimento da paz possibilitassem um aproveitamento mais eficiente dos recursos. Entretanto, estudos já existentes documentaram uma contradição na correlação entre a redução dos gastos militares e o crescimento econômico mais rápido. Como argumentado no relatório, *Guns and Growth: The Economic Consequences of Defense Buildups*, embora os países europeus tenham reduzido os gastos com defesa de cerca de 5% do PIB na década de 1960 para menos de 1,5% antes da pandemia de COVID-19, o crescimento econômico também desacelerou para cerca de 2% durante o mesmo período. Dessa forma, a era do "dividendo da paz" revela-se apenas uma promessa idealista e ilusória (Ilzetzki, 2025, pp. 4-8). Os atuais aumentos nos gastos com defesa na Europa refletem a percepção, amplamente reconhecida nos estudos de Economia de Defesa[4], de que a segurança nacional depende também da capacidade produtiva e tecnológica dos países.

Nesse contexto, observa-se um relançamento da OTAN em meio ao cenário geoestratégico global caracterizado pelo aumento dos gastos militares e pelo surgimento de uma nova corrida armamentista. Essa evolução se reflete nas recomendações da Aliança Militar do Atlântico Norte para a ampliação dos gastos em defesa, visando, como mencionado

[1] O Pacto de Varsóvia foi uma aliança militar estabelecida em 1955 pela União Soviética com o objetivo de garantir a defesa mútua das Repúblicas Soviéticas e de outros sete Estados europeus (Albânia, Bulgária, Tchecoslováquia, Alemanha Oriental, Hungria, Polônia e Romênia).
[2] De fato, o mandatário russo iniciou sua trajetória como Primeiro-Ministro em 1999 e assumiu a presidência em 2000. Entre os anos de 2008 e 2012, Putin regressa ao cargo de Primeiro-Ministro e reassume a presidência em 2012, cargo que ocupa até aos dias atuais.
[3] Euromaidan refere-se aos protestos na Ucrânia de 2013–2014 que defendiam uma maior integração com a União Europeia e reivindicavam reformas políticas.
[4] Anotações de aula da disciplina "Economia de Defesa", ano de 2025, conduzida pelo Prof. Hélio Farias, do PPGCM/ECEME.

anteriormente, alcançar 5% do PIB até 2035. Os países bálticos membros da OTAN constituem um caso emblemático, cuja preocupação legítima com a segurança regional se destaca, considerando que, desde 2004, a Rússia passou a compartilhar seus limites fronteiriços diretamente com a OTAN. Em síntese, as dimensões territoriais e econômicas modestas dos países bálticos, aliadas a uma posição geográfica vulnerável, impõem restrições às suas capacidades militares e tornam sua defesa altamente dependente da cooperação entre os aliados (Ījabs, 2023).

Em 2025, a guerra na Ucrânia entrou em seu quarto ano e já é possível observar, de forma evidente, o impacto prolongado do conflito na política de defesa da Letônia e dos demais países bálticos. Desde 2022, a Letônia vem ampliando significativamente seus gastos em defesa, atingindo, em 2025, o maior orçamento militar de sua história – cerca de €1,559 bilhão de euros, o equivalente a 3,45% do PIB (Letônia, 2024).

Em consonância com o Livro Branco de Defesa da Letônia (2024), o país destina parte de seu orçamento (0,25%) ao apoio militar à Ucrânia, incluindo sua participação na Coalizão de Drones[5]. Sua vizinha, a Lituânia, por sua vez, criou o Fundo de Apoio à Ucrânia[6] e oferece treinamento a militares ucranianos no campo de instrução de "Kairiai'', enquanto a Estônia destaca-se nas áreas de ciberdefesa. De acordo com a Política Comum de Segurança e Defesa (PCSD) da União Europeia (EU), tais ações se manifestam em diferentes esferas – como material, técnica, operacional e humanitária –, evidenciando a urgência e a solidariedade dos países europeus em uma atuação autônoma e voluntária. Ademais, cabe ressaltar que um engajamento direto no Teatro de Operações da OTAN significaria que a guerra na Ucrânia poderia escalar para um conflito direto com a Rússia (Lituânia, 2024; Estônia, 2024; União Europeia, 2024).

Retomando o debate sobre a ampliação orçamentária, tal expansão tem implicações diretas sobre o sistema de aquisição militar. Esse fator pode ser observado no recente surgimento de projetos letones ligados à segurança e defesa, tais como o Fundo de Inovação de Defesa, a Estratégia de Defesa e Inovação da Letônia 2025-2036, entre outras parcerias de P&D. Dentro do quadro de prioridades estratégicas estão: desenvolver capacidade de combate das Forças Armadas, tais como o blindado Pátria 6x6 e o blindado de infantaria ASCOD; expandir o quadro de combatentes, aumentando o número de mobilizáveis; e desenvolver a infraestrutura militar. Já para o ano de 2025, o investimento mais significativo foi destinado ao fortalecimento do sistema de defesa aérea em camadas (Letônia, 2025).

Por mais que a Letônia não tenha uma Base Industrial de Defesa (BID) robusta e desenvolvida, a referida Estratégia Nacional evidencia os esforços ambiciosos do país para acelerar o desenvolvimento de sua indústria militar. Logo, esse setor procura fabricantes locais que possam atender às demandas de defesa da Letônia, bem como atrair investimentos estrangeiros de empresas internacionais do setor militar. Esse fenômeno pode ser observado com a recente cooperação industrial de defesa entre a empresa estadunidense-espanhola *General Dynamics Santa Bárbara Sistemas* e o Estado da Letônia, cujo objetivo é o fornecimento de 42 veículos de combate de infantaria ASCOD e que prevê cooperação técnica, além da participação da indústria local nas etapas de montagem e manutenção (Letônia, 2025; Bastos Jr, 2025).

Outra cooperação industrial de defesa entre a Finlândia, a Alemanha, a Suécia e a Letônia, no âmbito da força blindada, também se destaca. Com o programa conjunto *Common Armoured Vehicle System* (CAVS), a Letônia adquiriu o veículo blindado Pátria 6x6 e inaugurou uma fábrica para produção local, obtendo, assim, a capacidade de utilizá-lo para o seu próprio uso e também fornecer blindados à Ucrânia. Em suma, segundo o ministro da Defesa, Andris Spūdris (2025, s/p), "tanto em tempos de paz como em tempos de crise de guerra", a Letônia deve

[5] Grupo de países fundado em fevereiro de 2024 que fornecem à Ucrânia drones militares, apoio logístico e treinamento para operações de reconhecimento e ataques precisos. A iniciativa busca aumentar a capacidade de defesa ucraniana diante da invasão russa.

[6] Mecanismo financeiro criado pelo governo da Lituânia em 2022 para apoiar a Ucrânia com equipamento militar, assistência humanitária e treinamento de tropas, complementando os esforços internacionais de defesa do país.

almejar a garantia da segurança de seus cidadãos. O atual objetivo estratégico letão visa priorizar o desenvolvimento e a utilização dos recursos militares nacionais na defesa das Forças Armadas, contudo, com a consciência de que, ao mesmo tempo, não se pode deixar de adquirir tecnologias de parceiros internacionais.

Por suas limitações estruturais, os países bálticos enfrentam restrições significativas decorrentes de seu pequeno tamanho populacional e econômico, o que se reflete em suas capacidades militares ainda insuficientes. A reduzida profundidade estratégica torna suas capitais vulneráveis a um avanço rápido de possíveis forças agressoras russas que poderiam alcançá-las em poucos dias. Embora suas características geográficas, demográficas e econômicas sejam limitadas, os três vizinhos têm sido "não apenas 'beneficiários' da segurança, mas também têm demonstrado uma forte vontade de serem 'provedores' de segurança e de contribuir para a defesa comum da região oriental da OTAN'' (Ījabs, pp. 5-6).

Como fruto da escalada das tensões, os países bálticos, em conjunto, assinaram em 2024 um acordo para a criação da linha de defesa do Báltico, incorporando o Plano de Reforço Militar e Anti-Mobilidade da fronteira oriental. Embora cada país mantenha recursos orçamentários separados, a coordenação visa fortalecer a contenção e reforçar a segurança coletiva da região, haja vista que a fronteira báltica se configura como a "primeira linha" de defesa diante do avanço russo pelo Mar Báltico. Essa primeira linha de defesa consiste em uma combinação da Presença Avançada Reforçada no flanco oriental da Aliança, da política de dissuasão por meio de forças de alta prontidão e capacidades avançadas, bem como da resiliência dos Estados-membros individuais contra ameaças híbridas e cibernéticas, tudo orientado pelas decisões tomadas na Cimeira da OTAN de 2022, em Madrid (Letônia, 2025; Ījabs, 2023; OTAN, 2022).

Neste Plano de Reforço Militar e Anti-Mobilidade da fronteira oriental é possível observar, como demonstra a Figura 3 abaixo, a primeira linha de defesa do Báltico, integrada ao sistema de dissuasão e segurança da OTAN. Tal esquema ilustra as medidas de defesa territorial e o plano de contramobilidade implementados ao longo da fronteira oriental da Letônia.

Figura 2 – Visualização da zona de fronteira até 30 km na Letônia



Fonte: Ministério de Defesa da Letônia, 2024. (Tradução nossa).

Como demonstrado, nos primeiros 30 metros à frente da fronteira estabelece-se uma zona restrita, sujeita à vigilância militar contínua e de acesso exclusivo. Nessa faixa inicial, a rota de patrulhamento da Guarda de Fronteira do Estado da Letônia garante presença permanente no monitoramento das atividades. Para impedir a movimentação das unidades mecanizadas do inimigo, o reforço fronteiriço começou pela reconstrução das vias existentes e pela criação de valas antitanque. Tais valas são imediatamente complementadas por blocos de concreto produzidos na Letônia – em outras palavras, os chamados "dentes de dragão". Além disso, está prevista a construção de depósitos seguros para explosivos, minas e materiais de engenharia, a fim de fortalecer rapidamente as posições defensivas, cujo emprego está previsto apenas em tempo de guerra. Entre os obstáculos de contramobilidade adquiridos, destaca-se a implantação de sensores e sistemas móveis de detecção.

Esse conjunto de ações faz parte do plano de contramobilidade e representa apenas uma das iniciativas estratégicas desenvolvidas pela Letônia e pelos demais países bálticos para reforçar sua capacidade defensiva nacional e contribuir ativamente para a segurança coletiva da OTAN.

Motivados pela Guerra da Ucrânia, os países bálticos se viram diante de uma ameaça iminente, resultante da cosmovisão russa de poderio territorial e de um possível expansionismo fundamentado em seu

ideal histórico de ex-república soviética. Portanto, a tendência observada nesses países reflete uma busca crescente pelo fortalecimento de suas Forças Armadas, tanto em qualidade quanto em quantidade, por meio da ampliação das estruturas militares e da definição de objetivos ambiciosos voltados à produção bélica nacional. Além disso, a vigilância militar nas fronteiras foi reforçada de forma conjunta, com o objetivo de manter os países em estado de alerta diante de possíveis ataques ou avanços que possam comprometer sua integridade nacional e soberania. Trata-se, assim, de uma estratégia alinhada ao esforço de fortalecimento da contenção na fronteira oriental da OTAN.

A guerra da Ucrânia tem provocado impactos significativos nas estratégias de defesa dos países bálticos. A ampliação dos gastos e o fortalecimento das capacidades militares caminham em paralelo ao reforço da OTAN como pilar central da segurança continental. Ademais, os países bálticos mostram-se cada vez mais empenhados em consolidar suas defesas internas. Apesar de um passado histórico até então conturbado, o sentimento de resistência a qualquer forma de subordinação ou reunificação sob influência russa permanece forte, justificando, assim, a recomendação da OTAN para o aumento de gastos militares, com vistas a rearmar a Europa e fortalecer a segurança coletiva da região.

Rio de Janeiro - RJ, 12 de novembro de 2025.

Como citar este documento:

ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO (ECEME). OBSERVATÓRIO MILITAR DA PRAIA VERMELHA (OMPV). **A guerra da Ucrânia e seus impactos na defesa do Báltico**. Rio de Janeiro, 2025.

REFERÊNCIAS

BASTOS JR, Paulo Roberto. **Letônia faz nova aquisição de ASCOD e dobra sua frota**. Tecnologia & Defesa. 2025. Disponível em: https://tecnodefesa.com.br/letonia-faz-nova-aquisicao-de-ascod-e-dobra-sua-frota/. Acessado em: 17 out. 2025.

CARMONA, Ronaldo. **A guerra na Ucrânia: uma análise geopolítica.** Revista do CEBRI, ano 1, n. 3, jul.-set. 2022. Disponível em: https://cebri.org/revista/br/artigo/46/a-guerra-na-ucrania-uma-analise-geopolitica. Acessado em: 17 out. 2025.

ESTONIA. Republic of Estonia. **Ministry of Foreign Affairs**. Estonia's aid to Ukraine. 2025. Disponível em: https://vm.ee/en/estonias-aid-ukraine. Acessado em: 16 out. 2025.

IISS. **The Military Balance: The annual assessment of global military capabilities and defense economics.** The International Institute for Strategic Studies, London 2025.

ILZETZKI, Ethan. **Guns and Growth: The Economic Consequences of Defense Buildups.** Kiel Institute for the World Economy. n. 2. 2025.

ĪJABS, I. **Netrūkst Darāmā: Baltijas Drošība Ukrainas Notikumu Gaismā. Akadēmiskā Dzīve,** [s. l.], v. 59, p. 3–9, 2023. DOI 10.22364/adz.59.01. Disponível em: https://research.ebsco.com/linkprocessor/plink?id=a869747f-1a05-34a1-8a5f-c8f238251d25. Acessado em: 17 out. 2025.

LETÔNIA. Livro Branco de Defesa 2025. **PĀRSKATS PAR AIZSARDZĪBAS IZDEVUMIEM.** Ministry of Defense Republic of Latvia 2024. Disponível em: https://www.mod.gov.lv/sites/mod/files/document/2025_Budzeta_Balta_Gramata_0.pdf. Acessado em: 16 out. 2025.

LETÔNIA. Ministry of Defense Republic of Latvia. **373 million euro procurement contract for 42 "ASCOD" infantry fighting vehicles**. Disponível em: https://www.mod.gov.lv/en/news/latvia-signs-373-million-euro-procurement-contract-42-ascod-infantry-fighting-vehicles. Acessado em: 17 out. 2025.

LETÔNIA. Ministry of Defense Republic of Latvia. **Government approves Defence Industry and Innovation Strategy for 2025 – 2036**. 2025. Disponível em: https://www.mod.gov.lv/en/news/government-approves-defence-industry-and-innovation-strategy-2025-2036. Acessado em: 17 out. 2025.

LITUÂNIA. Ministry of Foreign Affairs of the Republic of Lithuania. **Lithuania's participation in the EU Common Security and Defence Policy (CSDP).** Disponível em: https://www.urm.lt/en/lithuanias-secu

rity-policy/lithuanias-participation-in-the-eu-commons ecurity-and-defence-policy-csdp/996. Acessado em: 17 out. 2025.

MOURA, Marcos Alexander Valle de. **"Estrangulamento geopolítico": percepções russas para a guerra"**. In: SILVA, Marcelo Gurgel do Amaral; MEDEIROS FILHO, Oscar; TEIXEIRA JÚNIOR, Augusto W. M. (orgs.). **O que aprendemos com a guerra na Ucrânia** [recurso eletrônico]. Brasília, DF: Escola Superior de Defesa, 2025. p. 116–129.